

Licção quinta.

E no panegýrico ao inclyto Affonso de Albuquerque, pela tomada de Goa, repete a mesma translaçao:

Ibid, Est.

43.

*Iraõ soldados inclytos fazendo**Mais, que Leões famelicos.* -----

Eis-aqui como hum vocabulo proprio se faz de significação metaforica, & se torna de natural, peregrino, pois deixa de ser vulgar imagem, para se graduar de imitaçao engenhosa.



LI-

LICCAM**SEXTA.**

§. I.

*Que o fundamento da obra seja o primeyro
cuidado do Artifice.*



1 ARA fabricar com segurança a grandeza de hum edificio, que l permitta leme assim chamar (he) Encelado dos ares, com pedras sobre pedras, quaes montes sobre montes, suba a conquistar as nuves, & a hombrear com os Olympos, primeyro estuda o cuidado do Artifice na firmeza do fundamento, usurpando á terra pouco menos espaço que ao ar, para que não se renda a ruinas gigante, que ha de exceder esferas.

2 Com este pensamento se remontará do centro dos abyssmos, do Nilo as Pyramides;

H 4

des de Faro as torres; de Babylonia os muros; de Diana os templos; do Sol os Colossos; de Artemisia os Mausólicos; de Jupiter as estatuas; & de Roma os Obeliscos, as agulhas, & Panópticos; pois estabelecidas estas fabricas nas raizes de leus cimentos, impedindo aos ventos a palestra, & tocando dos astros os epículos, como da torre Troyana cantou o Epico:

Virg. Eneid. 2.
Turris in precipiti stantem, summis quo sub astra

Edutam rectis.
 se matricularão na memoria, com a fama de milagres.

3. Da mesma sorte se deve portar o engenho em toda a fabrica de suas obras, para assegurallas do tempo, & construillas na eternidade & primeyro, que comece o edificio, & se occupe na materia, disponha o fundamento, & considere a forma, pois comodisse Publio Siro: *Deliberandum est diu, quod statuendum est semel.* A promptidaõ do engenho, a clareza da apprehensão, o acerto do juizo, a profundidade do discurso, saõ os votos, & determinação prudente, em toda a empreza grande.

4. Grande empreza he fabricar hú pensamento, & não menos grande, escolher capacidade onde le funde: grande pensamen-

Publ. Sir.
 In fragm.

to he hum conceyto engenhoso; tem muito peso a sua arquitectura, & não se sustenta na área solta das palavras simplices; requer mais ligamento a sua construcçāo, alicerces mais solidos a sua maquina. Aquelle pensamento com que Jacinto Freyre disse, que o Corpo da Cidade clamava, que os Reys de Portugal nunca Jacint. fizeraõ de suas misérias thesouro, nem costumavaõ beber as lagrimas dos Vassallos em bayxellas don. da de D. radas, não teve o fundamento na simplez lo. Jozo de cuçāo; porque esta com huma expressão sim. S. 42. gella diria, Que o povo inferior clamava, que os Reys de Portugal nunca enriquecerão seus thesouros com tributos, & extorções dos pobres, sem alguma compayxaõ das lagrimas. Na fraze metaforica, fez seu cemento aquella reflexão; & quem duvidará, que nella, primeyro se aplicou o Artifice ao fundamento, que pulisse a materia, & coroasse a obra?

S. II.

Fundamento do conceyto engenhoso.

5. E pois a metafora o fundamento firme do engenhoso conceyto; nella assegura o engenho esta grande maquina; nella dá subsistencia a tanta maravilha: he expressa doutrina de Aristoteles. Descenter.

Aristot. *center autem uti translationibus versatilis ingenij*
 Rhet.lib. *indolem prae se fert*: Usar (diz o Filosofo) das
 3.c. 11. translações decorosamente, demonstra a vir-
 tude de hum engenho prompto: com que
 duas couzas adverte o Estagirita no uso des-
 te fundamento; a primeyra he a convenien-
 cia dos translatos, no *decenter*; a segunda he
 a promptidaõ do engenho, no *versatilis*. A
 decencia consiste em não serem as transla-
 ções remotas, afféctadas, humildes, & com-
 mūas, porque se oppoem ao decoro do con-
 ceyto; a promptidaõ, he huma destreza, & agi-
 lidade do engenho, em trocar, separar,
 unir, & investigar os precognitos dos obje-
 ctos, a que chamamos apprehensoés; & ha de
 ser esta tal destreza:

Camões
 Lusiad. c.
 8.est.87.

*Qual o reflexo volume do polido
 Espelho de aço, ou de cristal fermoso,
 Que do rayo solar sendo ferido,
 Vay ferir noutra parte luminoso:
 E sendo da ociosa mão movido
 Pela casa, do moço curioso,
 Anda pelas paredes, & telhado;
 Trémulo aqui, & alli desossegado.*

6 Mas já prevejo que me duvidais, co-
 mo pôde haver segurança em tantos movi-
 mentos; pois movimento no engenho, &
 movimento na metafora, são aballos, que po-
 ráo toda a fabrica por terra. Tem esta duvi-
 da

da facil soluçao, considerada huma; & outra
 couça. A fabrica do conceyto toda se com-
 poem de circulos, a sua firmeza está na agita-
 ção, & só he constante no mesmo movimen-
 to; porque a translação, ou imposiçao de no-
 me alheyo, como a definio o Filosofo: *Trans-
 latio est nominis alieni illatio*, he hú movimén-
 to, que não pára, porque he como huma ro-
 da, que tem por eyxos o engenho, & o dis-
 curso: & o engenho, capacidade, que se
 compoem de espíritos, lhe dá hum movi-
 mento, movendo as apprehensoés; o discur-
 so, que he huma razão em acto, dalhe outro
 movimento, movendo as comprehensoés; &
 neste torno continuo se lavrá a materia do
 conceyto, delle sahem pulidas as imagens,
 perfeytos os verisimeis, apuradas as verda-
 des, engenhosas as conclusoés; & entaõ des-
 cança.

7 Propoem-sevos hum assumpto, que-
 reis deduzir delle algum conceyto, mas logo
 encontrais algum obstaculo no discurso, ou
 seja pela esterilidade do thema, ou pelo em-
 barago das noções, que talvez suffocaõ a fan-
 tasia, & confundem a apprehensaõ: eis-que
 entra o engenho a fazer o seu officio, & com
 a promptidaõ natural da ligeyreza, começa a
 confrontar as circumstancias, ajunta-as, ou
 divide-as, ou diminue-as; troca hum objecto
 por

Aristot.
 in Poetic.
 cap. 19.

por outro, esta por aquella especie; & desta veloz agitaçao ajudado o juizo, forma proposições metafóricas, de que depois o discurso tira demonstrações verissimeis, ou conclusões verdadeiras; & deste modo, não só achais a metafora, mas deduzis o conceyto; & fertilizais o assumpto, manifestando com imagés da locução sensível, quanto intrinsecamente fabricastes com o engenho.

§. III.

Das causas da Metafora.

8 **T**emos visto como a metafora he

o fundamento do conceyto; temos agora das suas causas. Seis são as causas, cujas influencias concorrem para a metafora, como para outras obras, a saber, a causa efficiente, a instrumental, a material, a formal, a final, & a exemplar. A causa efficiente concorre influindo na produçao do effeyto; a instrumental, como instrumento, ou meyo por onde se produz; a material, dando a materia em que o agente obra; a formal servindo de forma com que se denomina; a final propondo o fim porque se move o agente; & a exemplar, a imitaçao por onde se regula.

9 Applica-se hum pintor a retratar húa effigie, supponhamos Apelles a Campaspé; elle he a causa efficiente; os pinceis a causa instrumental; as tintas, & o lenço a causa material; o colorido, & a figura a causa formal; a semelhança do retrato a causa final; & as feygões de Campaspé a causa exemplar. Deixo de dilputar se a causa formal precede o seu effeyto, ou se he elle mesmo, quando tem a forma; ou se a final, & exemplar tem relações distintas, por ser esta materia propria das escolas; & basta expôr cada humana razão de causas.

§. IV.

Causa efficiente da metafora. Define-se o engenho.

10 **A** Causa efficiente da metafora, são os homens engenhosos, fúriosos, & exercitados; ou para melhor dizer, o engenho, o furor, & o exercicio nos homens; comeccemos dos primeyros.

II O engenho humano, que he huma natural virtude, prodigiosa presteza, & veemente força, com que o entendimento recolhe, une, separa, penetra, acha, & fertiliza as semelhanças, harmonias, noções, razões, & relações das causas, com:

comprehende em si outras duas virtudes, ou talentos naturaes, que saõ perspicacia, & destreza.

12 A perspicacia penetra as circunstancias mais occultas, mais apartadas, & mais intrinsecas dos objectos, como saõ a substancia, a materia, a forma, os accidentes, as propriedades, as causas, os effeytos, os fins, as sympathias, o semelhante, o contrario, o igual, o superior, & inferior, as divisões, os nomes proprios, os equivocos, &c. porqueto das estas, & outras circunstancias estão anovelladas, entranhadas, & escondidas nos objectos de qualquer assumpto, & lá vay desenvolvellas, desentranhallas, & descubrillas o engenho com a sua perspicacia.

13 A destreza he a promptidaõ com que velozmente examina, confere, & confronta todas as circunstancias, ou entre si humas com outras, ou as mesmas com os seus objectos, & como já dissemos, ou as ata, ou as divide, ou as augmenta, ou as diminue, & com admiravel destreza deduz húa de outra, troca, & mostra esta por aquela, obrando como os jugadores de mãos, que encantão os olhos com a ligereza, mostrando huma cousa, & fazendo-lhes ver outra.

14 Desta observação se infere, ser mais engenhoso o homem, cujo entendimento

sabe

fabe com perspicacia conhecer, & com promptidaõ unir as circunstancias mais remotas dos objectos de algum assumpto; & senão vede-o neste exemplo. Por culpas de seu engenho foy desterrado Ovidio para as asperezas do Ponto: as circunstancias deste castigo, que o faziaõ mais sensivel, & violento, erão, huma ausencia inappellavel, que o arrancava da sua casa, da vista de sua mulher, da conversaçao dos amigos, & das delicias de Roma: ir a viver entre barbaros, exposto a varios perigos, sem liberdade, nem esperança della; pois sómente fingilla, sem sollicitalla, fora novo delicto contra a payxaõ do Cesar.

15 Por todas estas calamidades discoria Ovidio entre si mesmo, mas consolava a sua pena com a companhia de seu engenho, a que não se estendeo o poder de Augusto, para lhe tirar tão doce companheyro: de modo que havendo sido o seu mesmo engenho, a causa de seu desterro, como elle confessava: *Ingenio perij qui miser ipse meo.* *Ingenio* lib. 2. *sic fuga parta meo:* tomava por assumpto de eleg. 1. seu allivio, considerar, que privando-o Cesar lib. 1. de todas as suas cousas, o não pode apartar de quem fora causa da indignação de hum, eleg. 1. & do degredo de outro: & assim penetrou Ovidio, & unio engenhosamente ao thema do

do seu desterro, huma circunstancia taõ remota, & inopinada, qual era a companhia de que não o pudera privar Cesar.

Ovid.lib. 3. eleg.7. *En ego cum patris caream, vobisque domoque,
Rapiaque sint, adimi, qua potuere mibi:
Ingenio tamen ipse meo comitorque, fruorques
Cesar in hoc potuit juris habere nihil.*

§. V.

Dos tres generos de Furor. Discorre-se do primeyro, chamado Payxaõ.

OFuror he huma agitaçao da mente, causada, ou de payxaõ, ou de inspiraçao, ou de loucura: & assim tres generos de furiosos, ainda que sejaõ de interior engenho, poderão facilmente produzir a metafora, como saõ os apayxonados, os inspirados, os loucos, ou freneticos.

17 He certo que as payxões do animo, saõ como pedra de dar fio, nas quaes se agarra o gume do engenho: & he bem vulgar proloquio, que a vexaçao dá entendimento; ou como diz o Filosofo na Poetica, a perturbaçao anima a persuaçao; & a meu entender a razao he; porque o affecto inflamma os espiritos, (polvora do entendimento) & a imaginaçao fitada em hum só objecto, obser-

Aristot.
in Poet.

va

va miudamente todas as circunstancias, ou estejaõ remotas, ou reconcentradas, & como está alterada, alterando as tambem forma extravagantes imagens, materia para o ardor do engenho, de que as metaforas saõ faiscas.

18 Que apodos, que epithetos naõ dá hum amante ao objecto amado, quando o perturba a payxaõ do amor? ou quando o desafogga hum ciume? ou quando encontra hum desdem, hum desprezo, huma ingratidão? Que nomes naõ diéta a colera a húirado, ou em desaggravio da injuria, ou em delafogo da vingança, ou finalmente em satisfaçao do odio? Deyxo de referir exemplos, porque estas, & outras payxões do animo, naõ dependem dos hyperboles da Poesia, né das tintas da declamaçao, mas dos impulsos da natureza; pois chamar hum amante *Sol à Dama fermola, Anjo à entendida, fera à que he ingrata*: dar hum colerico o nome de *cavardia* ao valor de seu contrario; de *confiança*, ao galanteyo de hum entremetido; de *grossaria*, á desenvoltura de hum bobo, saõ vocabulos, & translaçoes da colera; quando a imaginativa apprehende por offensa alguma accão, que lhe desagrada. O mesmo digo a cerca dos amantes, quando a payxaõ amorsa, que os occupa, lhes trairia de tal sorte a apprehensão, que se saõ favorecidos, as sombras

I

bras

bras lhes parecem luzes ; & te te daõ por vagos gravados ; as bellezas julgão nas horrores ; tanta he a torça do affecto natural ; com que se aborrece o nocivo , & ama o conveniente ; & este he aquelle efficiente furor , que influtua nas metaforas da payxaõ , ou dos apayxonados , & em que a natureza algumas vezes prova de engenhosa , posto que o affecto se jare pentino .

S. VI.

Do segundo furor chamado Inspiração.

19. **A** Inspiração , a quem os Gregos chamaõ *Enthusiasmo* , he outra especie de furor , efficiente da metafora ; he dum extraordinario impeto , com que os inspirados , ou dizem , ou escrevem cousas tão fóra da ordinaria expectação , & natural conceyto , que parece não estarem em si proprios , mas que falla nelles alguma divindade . Plataõ dividio este furor , ou inspiração em quatro espécies de entusiasmo , a saber , profetico , mysterial , amatorio , & poetico .

20. O furor profetico inspira vaticinios , o mysterial ceremonias , o amatorio affectos , o poetico harmonias ; & qualquer destas inspirações he a causa officiente da metafora

por-

porque alterando te as espécies na fantasia , o inspirado ; sem Julie da advertencia , muda os vocabulos ás cousas , mas não he engenhoso este seu conceyto ; por ser produçao inadvertida , sem que influe o impeto , & não o entendimento ; & só na reflexão que outrem depois faz do successo , que le seguiu , ou do effeyto , que se executou ; he , que ouvi se desobre , ou se apura o artificio do conceyto .

21. Um exemplo nos dará prova a esta conclusão . Escreve Lactancio Firmiano :

que huma das Sibyllas predizendo o nacemento de Christo , vaticinara desta sorte : Floresco autem flor pura . Florecerá a flor pura . Dahi a muitos Ieculos , nasce em Bellem o cap. 13 .

Divino Verbo feito homem ; apparece o sacerdicio dos valles na terra virgem , concorda a predição da Sybilla com o vaticínio do Profeta : Et egredietur virga de radice Jesse , & flores de radice ejus ascender . Decifra-se , ou conhece -se a metafora : & qual era a metafora deste

vaticínio ? era , florecerá a flor pura , em lugar de nascerá Deus feito homem ; & chamar ao nascer , florecer , & ao Divino Verbo encarnado flor , não soy engenhosa translaçao , porque nem o engenho fez o seu officio , nem a mente inspirada obrou com advertencia , & só o entusiasmo ideou a figura , & deu fôrça à metafora ,

Lactanc. Divin. Institut. lib. 4.

cap. 13 .

cap. 13 .

22 E que reflexões não actua nella o engenho depois de conhecida? Que imagés a appreheñão, que proposições o juizo, que demonstrações o discurso, que não sejam todas elevadas, todas finas, todas engenhosas, verdadeyras, & verisimcias, novas, & admiraveis? v. c. a circunstancia do tempo, em que nascio esta flor, que foy no gelado mez de Dezembro, cruel verdugo das flores, cuja espada de agudos, & frios fios, defembainhada, ou das nuvés, ou das neves, as degola recem nascidas: a circunstancia dos lugares em que padeceo rigores; sendo flor da Payxaõ já no presépio, quem depois entre espinhos foy rosa no pretorio; a circunstancia das accções, v. c. florecer, & reflorecer; florecer nascendo, & reflorecer resuscitando: a circunstancia dos accidentes; como ser húa pura flor, que o que tem de encarnada, não he mancha, mas natureza, &c.

§. VIII.

Do terceyro furor, chamado loucura, ou frenesi.

23 **A** Summa secura, & inflamação do cerebro, causa a loucura, & degenera em frenesi; perturba a fantasia, faz delirar a razão, & perder o entendimento;

mento: este he o furor dos frenéticos, & loucos; este o que os dispoem para metaforas fatuas, imaginações ridiculas, & talvez para repentes serios, & razões profundas, trocando na fantasia as especies dos objectos; as quaes, como aos rayos do Sol os atomos, naquelle inflammação dos espiritos; voaõ como faiscas inquietas, & só sossegão nos lucidos intervallos.

24 E senão digaõ-me, que outra ceusa he a doudice, o delirio, a demencia, mais que huma furiosa metafora, que usurpa hum objecto por outro? Sirvanos de exemplo Trasilao, cuja historia refere Atheneo, o qual caindo em loucura por húa enfermidade, imaginava-se senhor dos bés dos outros homens, reputando por suas as felicidades alheas: julgava-se Príncipe soberano, & tendo a mesma miseria por ventura, parecia-lhe a doudice, entendimento. Que ideias não fabricaria este louco? que metaforas não faria o seu delirio? que figuras a sua imaginação? O nosso Camões as repete.

*Em quanto de si fôra, doudo iste ve,
Tinha por teyma, & cria por verdade,
Que eraõ suas, das nãoz que navegavaõ,
Quantas no porto Pireo ancoravaõ.
Por hum senhor muy grande se teria,
(Além da vida alegre que passava).*

Vid. Bal-
thas. Bon-
if. in hi-
stor. Lu-
drica lib.

Athen.
lib. 22.
Ælian.
lib. 4.

4. cap. 46.

cap. 25.

Camões
Out. I.
Est. 17.
& seq.

Pois nas que se perdiaõ não perdiaõ; corriaõ
E das que vinhaõ salvavaõ se alegravaõ, etc.
25 Daqui nasce ferem ordinariamente os loucos galantes em seus ditos, & engenhos (mas acaso) os seus conceytos: digo aca-
so, porque como saõ repentinos, & fóra da advertencia, & intenção, naõ saõ engenhos por estudo, artificio, ou reflexão do entendimento, proprias circunstancias dos conceytos engenhosos.

S. VIII,

Do Sono, & Embriaguez.

26 ALém dos sobreditos tres furores, concorrem tambem para a obra da metafora, o sono, & a embriaguez. O sono he hum repouso dos sentidos, ordenado pela natureza para allivio dos animaes: & a embriaguez (perdoe o estylo nobre, esta voz humilde, á energia da explicação) ho húa offuscação do entendimento, causada do beber com intemperança.

27 Ambos tem por origem os vapores fúmidos, que sobem do estomago ao cerebro, mas com effeytos encontrados; porque o sono prendendo os sentidos, & sensações do corpo opprimindo, & nublando a sinta-

fig,

sia, deixa andar vagabundas as espécies, per-
los espaços da imaginação; as quaes encon-
trando-se amotinadamente, tomão nos fo-
nhos differentes fórmas, trocaõ-se estas por
aqueellas, saõ humas, & parecem outras; &
como disse Virgilio, disfarçados em Gregos
os Troyanos: *Armorum facie, & Grajarum ex-
rare jubarum, obscura nocte per umbram appa- Virgil.
rent.*

28 Deste disfarce pois, ou farça das es-
pecies, se causaõ na fantasia as extravagantes represestações, a que chamamos pinturas, ou metáforas do sono; as quaes, accordando o entendimento, & fazendo nellas refle-
xaõ, reduz a peregrinos, & engenhosos pen-
samentos, como já sucedeo a muitos, & de-
si affirma o Padre Frugoni acerca de suas ^{Frugoni:}
obras, dizendo, que primeyro as sonhara, & ^{in Cano}
depois as compuzera. ^{Diogen.}

29 A embriaguez, intemperança torpe, sonho vigilante, & furor breve, mas tão vio-
lento, quanto vinolento, com o fúmido va-
por de Baco, que sobe tambem ao cerebro, opprime o uso da razão, revolve a fantasia, altera as especies fossegadas na memoria, &
trocando estas por aquellas, ou confundindo humas com outras, tendo desvelados os
sentidos, sem constancia o entendimento, turbada a imaginação, forma estranhissimas

figuras, de que os ebrios concebem ridículas noções, & extravagantes metáforas, que se fazem sensíveis nas palavras, ou nos gestos, não tendo de engenhosas, mas que a reflexão dos Espectadores.

30. Possuindo mais do furor de Baco, que da inspiração de Apollo, se achava o Romano Lyrico, quando em aplauso de tal Nuzme, disse de si mesmo:

*Evo, recenti mens trepidat metu,
Plenoque Bacchi pectori turgidum
Latatur.*

E muito mais perturbado de seu fumo, quando se imaginou transformado de homem em cisne, cortando o ar vago com ligeras penas, & cruzando o mundo de haja outro polo, já immortal na fama, já superior às invejas:

*Jam jam residunt cruribus aspera
Pelles, & album mutor in alitem,
Superne, nascunturque leves*

Per digitos, humerosque pluma.

E não posso persuadirme, que esta transformação tivesse outro fundamento, senão a imaginaria metáfora da embriaguez, que lhe excitava semelhantes fantasias, a que elle dá título de loucura amável; *An moludit amabi-*

*Horat.
Lib. 2. Od.
19.*

*Idem
Lib. Od.
2.9.*

*Horat.
Lib. 3. Od. 1. ies infanias?*

§. IX.

Do exercício, causa efficiente da Metáfora.

31. **A** Causa mais efficiente da metáfora, he o exercício, que em todas as obras, he o suffraganeo do engenho: *Plures fiunt exercitatione boni, quam natura,* dizia Democrito: & segundo este axioma, mais proveytoso he o exercício sem engenho, que o engenho sem exercício: mas se ambos concorrem a extremar o Artifice, chega a tanta excellencia a sua perfeyção, que se admirão milagres os seus projectos.

32. Por esta razão observou a agudeza de Aristoteles, que nas filosofias, & nas poéticas, onde se apuraõ as argucias, & metáforas, he necessário que o exercício se una com o engenho; porque faltar futil, & profundamente, diz o Filosofo, & saber com os olhos do discurso descobrir entre coisas muy diversas, a proporção que as identifica, he obra do engenho, & exercitado: *Posse arguere dicere, aut ingeniosi, aut exercitatis; quale in Philosophia quoque simile est.... quod vel in multo diversis prospicere ingeniosi est, atque exercitati.*

33. Supposta pois a utilidade, que resul-

*Democrit.
apud
Stobæu.*

*Aristot.
Rhet. lib.
3. cap.
10. & 11.*

ta do exercicio, vejamos de quantos modos se pôde exercitar o engenho, não só pelo que respeita á metafora, mas ainda a outra qualquer obra. Por cinco modos, ou espécies de exercicio, se pôde consegueir o primoroso de huma translação, facilitando o engenhq, & enriquecendo a arte; a saber, pela prática, pela lição, pela reflexão, pela catégoria, & pela imitação: de cada modo, ou especie destas, iremos tratando em separados títulos.

§. X.

Da Pratica, primeyra especie do exercicio.

34. **H**E a pratica a mão direyta das artes, & sciencias, & sem o auxilio desta mão, intentar reduzir a theorica a acto, querer executar com perfeição a obra, presumir ter vitoria das dificuldades, he desabonar as experiencias, & nunca sahir com o habito, com o capricho, & com a vitoria a luz. A pratica he a que dá azas ao engenho, azos à fantasia, acertos à invenção: imitando a natureza, exercita o seu officio, & imita-a, começando pelo facil.

35. A natureza, que he a mestra universal do homem, pelas couzas mais faceis ensina as mais difficilis; & assim pela noticia das com;

comunias, dà a conhecer as particulares, pelos generosas espécies, & pelas espécies os individuos. Da mesma forte a prática pelos actos mais faceis nos leva aos mais difficilis, não começa pelo confuso, leno pelo evidente, ama a clareza, & foge a escuridade.

36. Mas replicarme heis; em tal paralelo que me contradigo; porque a prática sempre se occupa em couzas individuas, & não em universaes: a prática v. g. de entender o Grego, exercita-se em huma lingua, & não no universal de todas; porque as accções de qualquer agente, não se executa no com-

um, termina-se zo singular; hum individuo, & não a essencia humana, matou quem era, ex matou hum homem: logo se a prática se occupa nos individuos, & a natureza na luz dos universaes, como mais faceis de comprehender, nem o paralelo he proporcionado, nem facil a especie de exercicio, que na prática experitem o fundamento.

37. Respondo; que o mesmo, & não o contrário obra a natureza; porque na universalidade das couzas todas, no grande magisterio de seus productos, não nos ensina os universaes, mas os individuos; produz, & propoem-nos muitos singulares, dà-nos a scientia, conhacer teus predicados, esencias, & attri- butos, & por elles seus generos, & differen-

*Ex sensu
fit memo-
ria, ex
multis
memoriis fit ex-
perimen-
tum, ab
método au-
tem uni-
versale
accipi-
tur,*

*quod est
principiu-
artis, &
scientiae.
Aristot.
Post. 2.*

gas; & dâqui colhemos huma noção do seu universal, generico, ou específico, & este universal assim conhecido, & filosofado, he huma como prática, ou sciencia experimental, que facilmente nos conduza conhecer os mais individuos deste, ou daquelle genero.

38 O proprio faz a prática, applicando-se aos individuos, & exercendo nelles a sua operaçāo; porque de varjas experiencias produz hum. commum principio, facil de comprehendér; huma evidencia sem confusão; huma clareza sem escuridade; húa simplez, & universal noticia, que serve ao engenho de luz, para ver as cousas singulares, penetrar seus attributos, & circunstancias individuas, & por este modo imita a natureza.

39 Quem pois quizer fabricar huma metafora, facil, prompta, & engenhosamente, guie-se pela luz da prática, & recorrendo a algum universal, comece pela notícia mais commua: quer v. c. fazer hum symbolo da fortaleza; veja que objectos comprehende tal assumpto, para descubrir a universal noção: acha conterse nelle hum só objecto, o qual lhe offerece huma só noticia, a saber, a Fortaleza em universal: contemple em que cousas resplandece esta virtude, & logo a mesma prática, com o dedo da exper-

riencia, lhe apontará a *coluna*, o *rochedo*, o *diamante*; & assim dando-lhe estes nomes, chamará diamante, rochedo, ou coluna à fortaleza; & ordenada a metafora, formará o symbolo, que era o seu pensamento, & o seu assumpto.

40 Mas propondo-selhe huma virgem martyrizada no fogo, cuja fortaleza heróicamente santa, resistiu ao verdugo, ás chamas, & ao martyrio, já se não servirá da noticia universal, porque trata em particular de hum individuo, que comprehende tres objectos, com tres diversas notícias, ou noções, a saber, fortaleza, virgem, & fogo: deve pois descobrir huma metafora, que reprerente tres propriedades, confórmes áquellas tres notícias, a saber, resistencia, candor, & incombusibilidade: circunstancias que se não acham juntas na *coluna*, *rochedo*, & *diamante*, symbolos mais communs da fortaleza.

41 Esta he a dificuldade da metafora, com que a prática deve unir-se com o engenho; huma para facilitar, & outro para descobrir algum objecto, que comprehenda noções semelhantes áquellas tres notícias; isto he, ha de ser huma causa, que contenha firmeza, mostre branura, & seja incombustivel. E que outra causa ha mais proporcionada, mais conforme, & mais correlativa, que o célebre Amianto?

42. He o Amianto especie de pèdra mineral, semelhante à pedra hume: os antigos lhe davão certa tempera, que a fazia tratavel aos golpes do martello, & estendendo-a em folhas, como se bate o ouro, a fiavão, & tesciaõ della hum pano, que parecia linho; a este, quando contrahia manchas, no fogo restituiaõ a pureza: quem viu já mais, que o fogo fizesse os effeytos da agua? Sahia em fim o Amianto com o candor mais vivo, & como feniz das pedras, renascia tambem nas chamas: incombustivel aos incendios, era imortalidade de si proprio.

43. Com estas excelléncias da natureza, he o Amianto, engenhoso symbolo da constancia de huma virgem atormentada no fogo, aonde se lhe apura mais a fé, do que martiriza a carne; como viu a tyrannia de Sympronio na gloriosa Santa Ignes, puro Amianto das virgés, pois antes de dar a cerviz ao verdugo, affinou em o fogo a fortaleza.

Petr. de
Natalib.
lib.2.cap
107. &
Martyr.
Rom.

§. XI.

Da Licção, segunda especie do exercicio.

44. A Segunda especie do exercicio he a Licção, a qual produz dous effeytos proveytofos, huma erudiçao, com

com que a memória se enriquece; & outro a facilidade, com que a pratica se dilpoem. Quem pois se applicar à varia licção dos livros, fazendo huma discreta eleyçao de Autores prosaycos, & poeticos, onde como em fonte manancial, & pura, beba nas differenças dos estylos, frazes, & locuções, hua abundante copia de ideas, fertilizará a imaginativa, & colherá por fruto o artificio das metaforas, & o engenholo dos conceytos.

45. Confirmamós esta conclusão húa proposição de Cicero, em que diz, que toda a elegancia do fallar, ainda que se aperfeeyçoe com a sciencia das letras, com tudo se augmentará mais na mesma perfeyção, lendo-se os Oradores, & Poetas: *Sed omnis loquendi elegantia, quamquam expolitur scientiam literarum, tamen augebitur legendis oratoribus, & Poetis.*

Cicer. de
Orator.
lib.3.

46. O fundamento da razão de Cicero, he, (se me não engano) porque com este exercicio da licção, tão util, & necessario, se vem a ter hum cabal conhecimento de todas as palavras; huma perfeyta noticia da elegancia, pureza, & propriedade dellas; hú completo estudo das que occupão, ou não occupão o seu lugar, retem seu dialecto, & energegia; das variamente tecidas, & compostas; das tropicas, & fraceadas: donde se vê a fazer huma

hum seguro juizo do candor, & simplicidade das orações; do adorno, & belleza das figuras; da aspereza, & suavidade dos estylos; & de outros muitos accidentes da eloquaçāo; coisas todas, que bem advertidas, & estampadas na memoria, fazem que do esplendor de alguma palavra, reverbere na fantasia luz, & claridade, que demostre ao engenho alguma sutileza, imagem, ou reflexão occulta, & não representada ao entendimento.

47 He licçāo muy trijhada nos Poetas a metafora, com que aos ribeyros crescidos, ás fontes dilatadas, aos rios caudalosos dão o appellido de serpentes, já de cristal, já de neve, já de escuma, pelo diafano, frio, & crespo de suas aguas; pois conforme a vereda das correntes, com semelhante figura se vaõ os ribeyros torcendo pelos campos, as fontes deslizando pelas penhas, & os rios arrastando pelos valles.

48 Lè hum estudosio esta pintura, faz sua reflexão com o juizo, excita em si novas ideas, & lançando mão das eloquentes tintas, retoca, ou retroca a já trilhada metafora, chamando talvez, *escamas de prata às ondas; colera de neve às escumas; roscas de cristal aos circulos;* porque húa palavra vay offerecendo a idea, outra proporcionando a copia, & outra illuminando a pintura, até chegar à perfeyção de conceyto.

49 Assim

49 Assim o observou Miguel Botelho de Carvalho no terceyro Canto da sua Filiss descreve hum arroyo pela metafora da serpente tam commua na Poesia; & apartando-se dos pensamentos lidos nos mais Poetas, deduz outros de novo, por accidentes na proporção bem assemelhados:

*Diabana serpiente, que pisada,
Con lamentable voz, con voz doliente,
El castigo sintiendo, acobardada
Aun mas la culpa, que el castigo siente.
Serppe, que de la planta castigada,
Aljofar vomitando transparente,
Por quien llorando esta la flor marchita;
Torna a sorber aquello que vomita.*

Botell. na
Fil. Cant.
3. Est. 33.

50 Havia o Poeta dito na precedente oytava, que o arroyo he Serpiente de cristal, que el campo muerde. Finge pois, que o campo em vingança daquelle delatino, com suas plantas (que equivocamente toma pelas arvores) piza o tal arroyo, & que este fazendo entao ruido, se queyxa, & doe da opposição daquellas plantas, & muito mais da sua mesma culpa, em esprayarse a ellas, & banhallas; & que assim castigado, ou impedido se defaz, & cobre de escumas, esparzindo-as sobre as muchas flores, as quaes torna outra vez a recolher em si.

51 Esta he a analogia da metafora; & a

K

na-

natural idea de huma serpente, quando morde o pé de hum caminhante; pois se este a opprime com o mesmo pé, rayvosa de se ver trilhada, & impedida, & muyto mais, ao noso entender, sentida de haver sido a causa de seu dano, já se acobarda, & afroxa, já assavia, & escuma seu veneno, já sorve a saliva, que culpio a colera: & estes accidentes não proprios na serpente, são os que a metáfora faz verisimeis no arroyo; & em que o Poeta servindo-se da lição, descubrio novidade de conceyto.

S. XII.

Da Reflexão, terceyra especie de exercicio.

52 **A** he a reflexão, a que podemos chamar segunda apprehensão do entendimento; consiste no reparo, & consideração, que elle faz de qualquer cousa; & todo o engenho obtuso se aguça; & toma fio nesta pedra. Assim succederá a quem por si só, ou acompanhado de algum amigo, for apodando os objectos, que vir, com alguma semelhança ainda que superficial, & rasteyra; por que da semelhança se vem à comparação, & da comparação à simplez, & engenhola metáfora;

tafora, raiz, & fundamento dos conceytos. Fazendo-se pois reparo em todas as cousas naturaes, artificiaes, & apparentes; facilmente por meyo da semelhança, ou dessemelhança reciproca de seus predicados, contingencias, & attributos, se lhes podem transferir os vocabulos, & fabricar as translacções.

53 Assim discorreu hú engenho Trans. Apud alpino sobre o aborto de huma Dama, em Bouhoura hum celebre Soneto, onde com diferentes Manicre apodos felizmente reflectidos, descreve o di de bien aborto, procurado pela mesma Dama; à Dialog. qual introduz fallando assim com o embriaõ.

O' tu, que morres antes de nascido,

Do ser, & nada, equivoca mistura;

Aborto triste, informe creatura,

De nada, & ser, repudiò desvalido.

Crime de amor, a furto cometido,

Azard da honra, em mãos da desventura;

De Cupido, obra infâsta à fermosura,

Da honra, infâsta vítima a Cupido.

Deyxame fossegar em minha pena,

E do nada, aonde tornas de corrida,

O horror não turbes de meu erro, & sorte.

Contra ti dou crueis o fado ordena;

Amor, opposto à honra, em darte a vida,

A honra, opposta a Amor, em darte a morte.

§. XIII.

Da Cathegoria, quarta especie do exercicio.

54 **C**athegoria he huma das classes, a que Aristoteles reduzio as substancias, & accidentes das cousas, de que em outra conferencia faremos especial licção. Os Filosofos tambem lhe chamão Predicamento, & accusação de entidades, em razão de que os predicados de qualquer sugetto se affirmao, ou negao delle; conforme a cathegoria a que se reduzem. Saber pois transferir os ditos predicados, tomando húm em lugar de outros, pelas suas cathegorias, como por exemplo, na cathegoria da quantidade tomar os predicados de hum monte pelos de hum Gigante, & afirmar do Gigante a estatura do monte, &c. he a quarta especie de exercicio, que aqui propomos.

55 Quiz Antonio da Fonseca Soares elogiar hum cavallo destríssimo no ensino da picaria; & recorrendo ao predicamento do lugar, que comprehende em si todo o movimento, seguiu a metafora da musica, por ser esta na praxi, huma consonancia de vozes, composta de armonicos movimentos, regulados por tempos, espacos, & medidas, em

que

quexas vozes destraméte descem, sobem, paúzaõ, esperão, ou fogem, advertidas das figuras, que as dirigem, & da mão do mestre, que as compasia: à luz pois desta observação, compoz o louvor neste Soneto.

*Galhardo bruto, teu bizarro alento,
Musica he nova, com que aos olhos cantas;
Pois na harmonia de cadencias tantas,
He claves o freyo, he solfa o movimento.
Ao compasso da redea, ao instrumento
Do chão, que tocar quando a vista encantas;
Já bayxas grave, & agudo já levantas,
Onde o pizar he som, o andar concerto.
Contas teus pés; & teu meneyo prompto,
Nas fugas não, nas clausulas medido;
Meli consonancia fórmā em cada ponto:
Pois em falsas ayrosas suspendido,
Ergues em cada quebro hū contraponto,
Fazes em cada passo hum softenido.*





L I C Ç A M S E P T I M A.

S. I.

Da Imitação, quinta, & ultima especie do exercicio.



E a Imitação (Senhores) a antiga mestra dos racionaes, & o seu exercicio he a escola, onde aprendemos todos.

Com nenhum vivente se mostrou à natureza māy mais avara, que com o homem; querendo que com rigoroso trabalho, seja hum, discípulo de outro, naquillo mesmo, em que ella he mestra prodiga, & próvida dos brutos.

2. O andar, o fallar, o cantar, & outras accções muitas, só pela imitação se aprendem. As virtudes, & criação civil, como tam-

Licção septima.

151

tambem os vicios, & māos costumes, na molle cera dos centos annos, só com a imitação se imprimem. Finalmente todas as artes assim mecanicas, como nobres, se eitudo pelos exemplares de illustres, & affamados artifices; dos quaes muytos as aprenderão (taõ madrasta do homem foy nisto a natureza!) da imitação dos animaes.

3. O assestar a seta se deve ao porco espiño; a arquitectura ás abelhas; a navegação aos cisnes; a arte de tecer ás aranhas; a musica aos rouxinoes: dos grous tomou a guerra as vigias; a sangria ensinou-a à medicina o Hippopotamo; as formigas nos deraõ copia da providencia: tudo em fim teve principio na imitação, pelo que se lhe deve chamar mestra dos mestres, & arte de todas as artes; assim porque a natureza infundio a imitação nos homens, como porque imitando se adquirem as primeyras regras das doutrinas:

Institum est à natura hominibus imitari, & primas disciplinas imitando acquirunt, diz Aristoteles

Aristot.
in Poet.
cap. 29.

na Poetica.

4. E já que a metafora tem o exercicio por causa efficiente, & se regula pela semeijança, & analogia dos translatos, forçosamente ha de ser a imitação o seu melhor influxo, & por consequencia opportuno exercicio para o seu lavor. Confirmaõ está pro-

K 4

posi-

posição; húas palavras de Aristoteles no Capítulo 1. do terceyro livro da Rhetorica, aonde tratando da locuçāo artificiota, que he fallar por tropos, & figurās, diz que os Poetas forão os primeyros, que começáron a mover este exercicio, como lho offerece o a natureza; porque as metaforas saõ imitações: Cæperunt autem, sicut natura postulat, id prima Poeta movere; metaphorica enim nomina imitationes sunt. A imitação pois terá todo o alcumpto da liçāo presente, não só a respeyto das metaforas, mas tambem dos mais conceytos engenhosos; onde expendituremos tudo quanto for util para os preceytos, necessário para a noticia, & deleyto so à curiosida de,

§. II,

Define-se a Imitação.

DEfinimos a Imitação com Rodulfo Goelenio: Expressão parecida ao exemplar: de modo que o imitador, ha de não só imitar o carácter commum, mas tambem o particular do objecto, que imita; chamo carácter commum, à idea, & semelhança generica do exemplar; & carácter particular, à idea, & semelhança de estylo do Author, ou Artifice imitado. Quero v.c.

Goclen.
in Lex.
Philos.
lit.I.

imitar a Lusiada de Camoens; não só devo imitar este exemplar no carácter da Poesia epica, universal a todos os Poemas heroicos, mas tambem no carácter do estylo de Camões, particular à sua locuçāo; & fazendo-me assim bom imitador, sahirá semelhante o meu ao seu Poema. Donde se colhe, que em cada exemplar ha dous caractéres, duas semelhanças, & duas imitações, de que o imitador ha de formar duas ideias, as quaes deve unir, exprimir, & copiar na sua obra para se dizer perfeita imitação.

6. Esta he a causa porque as propriedades que se advertem entre o exemplar, & a obra do imitador, isto he, entre algum objecto, & a copia que o imita, attrahem logo o entendimento a se lembrar da cousa imitada, por meyo da semelhança. E daqui vem que depois o mesmo entendimento imaginando na razão porque soy attrahido a huma tal lembrança, observa, que isto lhe succedeo por virtude daquelles accidentes, que com especialidade reconhece communs assim no exemplar, como na copia.

7. Desta observaçāo fórmā em si duas universaes notícias: finjamos, para as explicarmos, copiado em marmore, ou em légo a Seneca desangrado: a primeyra noticia, q. fórmā o entendimento á vista desta copia, he que o ho-

homem, que morre desangrado, costuma espirar com aquella parecenza; a segunda he, que tal parecenza, he verdadeiramente commua a hum homem desangrado, esculpido em huma pedra, com tal primordo escoporo, ou retratado em huma taboa, com tal arte do pincel, que ao vivo representa Seneca espirando no banho, desangrado pelo cruel Nero. A primeyra noticia he commua a todos os entendimentos, por meyo da taboa, ou da estatua, & a todos deleyta a tragica vista daquella imitação: a segunda he especial para os peritos da pintura, & escultura, & lhes causa particular recreyo o bem imitado de semelhante morte.

§. III.

Da Imitação livre, & Imitação servil.

8. **E**xplícada, & definida assim a Imitação, a podemos considerar ainda de dous modos, hum livre, & outro servil: chamo imitação livre, aquella em que o imitador independente de outro exemplar, imita a sua mesma idea, como invento proprio. Homero v.c. para compor a Ilíada, não teve outro poema epico, de quem tomasse o carácter da Epopéia; independente

Deinde
Homeri
illuxit in-
geniū, in
quohoc
maximū

de algum protótipo, traçou na fantasia est, quod aquella grande fabrica, parte tecida de his, neque autoria verdadeyra, & parte de successos veri, te illum, simēis; & adornando-a de deleytaveis episodios, a foy imitando com palavras, para nos tur, neque dar a idea de hum Heroe apayxonado, qual post illū, foy o seu Achilles; & esta foy em Homero, qui cum huma livre, & engenhosa imitação; se bem, posset, in que alguns dizem que imitou a outros em ventus ambos os Poemas.

9. Chamo porém Imitação servil àquela em que o imitador dependente do exemplar alheyo, o vay fielmente seguindo, & copiando, sem já mais se apartar de suas linhas, deno Nimen deffmentir hum passo de suas cores, como faz o aprendiz que copea a pintura de seu mestre: assim Vasco Mousinho de Quebedo em seu Affonso Africano, imitou, ou copiou Mousinh no episodio de Antheo, o Adamastor de Camões, com tanta semelhança nos accidentes, & circunstancias todas, que só os distinguem os nomes, & os lugares. Esta imitação he servil, mas tem muyto de engenhola; & se passa a exceder o imitado, já deixa de ser servil, pois se adianta; & torna-se competencia, ou nobre emulação de melhorar se no que outrem fez.

10. Contra os servis imitadores, que es- cravos dos exemplares, seguem muyto a mes-

do

autem genere fuisse de sollicito

do as pizadas , que mal imitaõ , exclamou o Satyrico com jocosa colera:

*O' imitatores servum pecus, ut mihi sapè
Bilem, sepe jocum vestri movere tumultus!
Libera per vacuum posui vestigia princeps,
Non aliena meo pressi pede.*

Horat.
lib. i.
epist. 19.

Justa exclamação , racionavel defafogo , & donosa zombaria : porque imitar com tanta escravidão , he ter huma corrente no pé , & não ter o pé corrente. Sò quem caminha có liberdade , guiando os passos por onde lhe parece , sem dependencia dos vestigios de ou- trem , se inculca senhor de si , & da mesma imitação .

§. IV.

D'a necessidade , & utilidade da Imitação .

Ainda que avaliamos por melhor (como o he sem duvida) a imitação livre , & independente de exemplar es- tranho , nem por isto totalmente excluímos a servil , com tanto que naõ seja tão escrava do prototypo , que lhe sugeyte todas as acções , sem ter liberdade para fazer alguma de seu genio ; porque este modo de imitar tão tími- do , tão sugeyto , & tão cativo , he o que to- talmente condenamos .

12 Mas

12 Mas aquella imitação servil , a qual , co- mo já dissemos , se extrema em competir com o imitado , ou para o igualar , ou para o exce- der , hẽ tão necessaria , & tão util a todas as fa- cultades , que sem ella , nem podem florecer os engenhos , nem ter perfeyçao as obras ; por esta razão , assim como nos homens he na- tural o appetite de saber , he também natural o desejo de imitar .

13 Pelo saber mostra o que tem de ra- cional o homem , & pelo imitar , se vê no ho- mem a aptidão , que tem para o saber . Quiza natureza , que huns aprendessemos dos ou- tros , & infundio-nos a imitação para o exer- cicio : fez-nos semelhantes na essencia , nas propriedades , & na figura , & querédo q tam- bém o fossemos no engenho , no estudo , & na perfeyçao das obras , nos fez imitadores .

14 O espirito com que vemos respirar os exemplares , he como hum furor , que ins- pira os imitadores , he huma magica que os transforma nos imitados , onde mais obra a imitação , que a natureza : *Similem raro natu- ra prestat, frequenter imitatio* , disse Quintilia- no em tal proposito .

Quint.
Inst.orat.
lib. 10.
cap. 2.

15 Por isto a liçao dos Authores , que he outra especie de exercicio , he ministra da imitação ; porque com o estudo , & auxilio della , observamos , & alcançamos o que disse- raõ ,

rao, & fizeraõ outros; & dahi tomamos a copia das palavras, a variedade das figuras, o modo de dispor as obras, & outros accidentes, de que a imitação servil se vale para se exercitar: he doutrina do mesmo Quintiliano.

Quint. I.
10. c. 2.

dada por advertencia: *Ex his, caterisque letione dignis authoribus, & verborum sumenda copia est, & varietas figurarum, & componendi ratio, tum ad exemplum virtutum omnium mens dirigenda.*

16 Fingi em voso proposito, que querreis imitar o conciso de Sallustio, o grave de Virgilio, o jucundo de Marcial, o lepido de Claudio, o faudoso de Ovidio, o tumido, & rompente de Estacio, o florido, & aprazivel de Floro, o serio, & magestoso de Ciceron, & outros Escritores latinos, & vulgares; se o fizerdes, sem lhes imitar as palavras, os tropos, os dialectos, & mais accidentes do stylo, pondo todo o cabedal de vossa casa, ainda que affecteis, & enfeyteis a vossa obra, naõ vos tornareis seus semblantes, nem se reis bôs imitadores; porque isto será imitar vos a vós mesmos, & não aos exemplares: fará cativar a imitação ao voso genio, & não ao dos prototypos, & talvez idolatrar os defeytos, com obstinação da fantasia.

§. V.

Dos tres graos da Imitação servil.

17 **T**Em a Imitação servil tres graos por onde se regula a sua, ou froxidão, ou intenção em ser ou mais, ou menos dependente: & vem a ser, seguir, igualar, & exceder o seu prototypo. A imitação, que só segue ao exemplar, he, como já dissemos, de infima condição; porque obra sempre atada, tímida, & servilmente, sem se atrever a dar hum passo adiante do imitado; antes indo sempre atraç em seguimento delle, caminha pelas boas, & más pizadas, que achou: contentarse com esta imitação, ou he de principiantes, & bisonhos, ou he de animos humildes, que antes querem ficar atraç, que a pouco trabalho emparelhar alguma vez: *Turpe* (dizia Quintiliano) *turpe* Quint. I. *etiam illud est, contentum esse id consequi, quod imitantis: & dando a esta torpeza nome de iner- 10. c. 2. nij contentum esse ijs, qua sunt ab alijs inventa.*

18 Angelo Policiano varão eruditissimo, escrevendo a Cortesio sobre tal propósito, diz que assim como não pôde expedientemente correr quem só estuda em pôr o pé nas pizadas de outrem, assim também não pôde bem

bem escrever, quem não se atreve a sahir dos vestígios da imitação: *Ut benè currere non potest, quipdem ponere studet in alienis tantum vestigis, ita nec benè scribere, qui tanquam de scripto non audet egredi.* Concluamos pois ser totalmente servil aquelle engenho, que só se contenta com ir apòs o imitado, sem dar hú passo mais avante, com que o emparelhe, quando o não exceda.

19 Nesta indiscreta servidão se cativáraõ infelizmente os imitadores de Gongora, pois tomando por exemplar, o que foy nclle natureza, & querendo fazerse semelhantes, levados tal vez do que Quintiliano diz: *Omnis vita ratio sic constat, ut quæ probamus in alijs, facere ipsi velimus, escureceraõ a clarezza do estylo, alteraraõ a construcçao das sentenças, inventaraõ metaforas remotas, enchendo seus versos de conceytos pueris, de frases cultas, mas incultas, de vaniloquios tumidos, & violentos, tudo folhagem inutil, de mais sombra, & mais verdura, que fruto, & madureza.*

20 Mas tão longe estaõ taes imitadores de se fazerem semelhantes aos prototypos que seguem, que as suas melmas obras dão logo a conhecer a diferença, que vay do original ao retrato. A boa imitação naõ torna identica, senão muy semelhante a copia ao

Quint. I.
10. c. 2.

copiado: na perteyta semelhança he que consiste aquelle ou segredo, ou equivoco, com que se pôde enganar o juizo em distinguir os dous. Esta he a mayor dificuldade da semelhança, & pelo conseguinte da imitação, & só quem a souber vencer, passará de servil a nobre imitador.

21 Nunca a natureza venceo tal dificuldade, por mais que empenhasse todas as suas forças: Tantam enim difficultatem (diz Quintiliano) habet similitudo, ut ne ipsa quidens natura in hoc valuerit, ut non res, que simillime videantur, discrimine aliquo discernantur. E parece foy providencia soberana, pois se na semelhança não houvera alguma diferença, não faltariaõ alèm de furtos, & rapins, payss putativos a muitos filhos posthumos, quer dizer, engenhos atrevidos, que não só roubassem, mas por suas perfilhassem aquellas obras orfás, & dispersas, a quem a morte dos Authores deyxou desemparadas, & sem o abrigo das estampas.

22 Vejaõ pois os Imitadores servis, que só seguem, & vaõ apcs os imitados, que entre a copia, & exemplar, ainda que ha semelhança, he muyta a diferença; porque os rai-gos do exemplar saõ valentes, & expeditos, & os da copia, froxos, & affectados: àquelles a natureza lhes dá foltura, energia, & atre-

Quint. I.
10. c. 2.

Quint. I.
10. c2. vimento, & a estes a affectação impõem li-
mites, temor, & sugeyçāo; como disse Quintiliano tratando esta materia: *Namque in ijs, quia in exemplum assumimus, subest natura, & ve- na vis: contra omnis imitatio facta est, & ad alie- num propositum commodatur.*

23 Sejamos imitadores, não dos do pri-
meiro grao dos servis, mas ou dos do segun-
do, ou dos do terceyro, que ou igualão, ou
excedem os exéplares. Proponhamos pois
hum Author da melhor categoria, naquelle
genero de obra que quizermos imitar; & ex-
aminando, ou ponderando o carácter com-
mum da obra, & o particular do Author, que
se imita, vejamos antes de entrar na imitação,
& competencia, em que primores, ou da ar-
te, ou da natureza foy insigne, & de que vi-
eios, ou erros maculado; & então evitando
o mão, & imitando o bom, trabalhemos, ou
por igualallo, ou por excedello.

24 Naô ha Author algum imitavel, que
naô careça de alguma perfeyçāo, que haja de
ser suprida pelo imitador com a industria de
teu engenho: & nenhuma obra só com a imi-
tação subio já mais ao auge de perfeyta, sem
que o imitador se apurasse, ou em pulilla, ou
Quint. I. em melhoralla: *Nihil enim* (diz Quintiliano)
10. c2. *crescit sola imitatione. Quod si prioribus adjicere
fas non est, quomodo sperare possumus ullum ora-*

torum

*terem perfectum: cum in ijs, quos maximos ad-
huc novimus, nemo fit inventus, in quo nihil aut
desideretur, aut reprehendatur. E senão digão-
me, em que estado se achariaõ as artes, & as
sciencias? que privilegio teria a imitação?
que liberdade, & regalia o imitador, senão
fizesse alguma cousa mais, em que le igualas-
se, ou excedesse ao imitado? Estaria a Poesia
ainda hoje medindo a consonancia pelos
martellos de Tubal, & a pintura estendendo
as linhas pelas extremidades da sombra; &
em seus mesmos principios as mais artes imi-
tantes.*

§. VI. De modo, que se ha de ter na Imitação!

25 **H**E questaõ debatida entre al-
gús Engenhos, se para conse-
guir a imitação, se ha de escolher por idea,
Author algum particular, que se imite, na-
quella facultade em que se escreve? A parte Franc.
negativa sustenta Pico Mirandulano, a affir. Picus Mi-
rativa defende Pedro Bembo. Nós seguin- rand. in
do a Bembo, & não ao Mirandulano, já dis- epist. Petr. Bem.
semos acima, que havíamos de eleger Au. in epist.
thor da melhor nota na materia, que quizeſ. Quint. I.
semos tratar, para typo da imitação; mas o 10. cap. 2
modo que devemos guardarnella, naô ha de ser

ser tão servil, que a façamos synonimo; nem tam individual, que pareça furto.

26. Ha de o imitador supporse consti-
tuido diante dos imitados, como juizes, &
censores da sua imitação, fazendo entre si
mesmo este discurso: *Eu intento imitar a Vir-
gilio nesta fraze, nesta figura, neste pensamento:
& que disse, ou diria em tal caso a gravidade de
Virgilio? Disse, ou diria nesta, ou naquella for-
ma, &c.* E se outrem já disse aquillo mesmo,
prosigá nestas reflexões: *A quem imitou neste
lugar Virgilio, & de que modo? Seguiu só o exemplar,
igualou-se, ou excedeu-o na imitação? Deu
que sómente o seguisse: como poderia igualallo, ou
excedello? Mas nada disso fez: passo como o con-
seguirey agora? E que censura me faria o mesmo
Virgilio se me ouvisse, ou se me lerá? Que juizo
seria o seu sobre esta metáfora, sentença, ou con-
ceyro, que deduzo, em matéria identica, ou semel-
lhante à que elle já tratou com tanta felicidade de
estilo, tanta agudeza de engenho, credito do nome,
& admiração do mundo?*

27. Assim comigo mesmo discorra o
imitador, quando se puser a imitar; porque
além de conseguir o methodo da imitação,
excitará em si hum prudente, & bem fundado
temor do exame, que de suas obras farão
os presentes, & os futuros: Se v.g. imitou ser-
vil, ou livremente? se emparelhando, ou exceden-

do

do aos imitados? & se pôsso da emulação a roubô? Oblervando-se pois este modo, & estas re-
flexões em toda a imitação, florecerão as ar-
tes imitantes, abrirse-ha aos engenhos o ca-
minho, & terão estimação as desprezadas
Musas; pois como cantou Claudio; ainda
que a outro intento:

Hinc prisca redempta artes: felicibus inde

Ingenis aperitur iter, despiciatque Musas

Colla levant.

Claud. de
laud. Sti-
licon l.2.

28. Admiravel protótypo de engenhosa
metáfora foy o pensamento, ou lisonja, com
que Virgilio disse no proemio da Georgica,
que a Deusa Thetys comprára tal vez a pre-
ço de todas as suas ondas para genro ao Em-
perador Augusto: *Ta que sibi generum Thetys*
emat omnibus undis; & isto foy prounçiallo
senhor da navegação, & mares; alludindo o
Poeta ao antigo costume de comprarem os
pays das desposadas os genros, com o dote,
que davão as suas filhas; ainda que a outro ri-
to o attribua Servio.

Virgil.
Georg.
lib. I.

29. Detres Poetas sabemos que imitá-
rao este lugar; Bernardo Tasso, & Torqua-
to seu filho na Italia, & Luis de Camões em
Portugal: mas qual delles o executou, ou
com mais ventagem entre si, ou com excesso
mayor ao imitado, examine-o, & julgue-o
o Tribunal de Apollo, que eu sómente o que
farcy,

farey¹, será tresladar, & apenas ponderara imitação de cada hum.

30 O exemplar Virgiliano diz: Duvida-se le Thetys (ò Cesar) vos comprará com todas as suas aguas, para genro: *Incertum tene que sibi generum Thetys emat omnibus undis;* isto he. Não he certo, se qual Neptuno reynareis nos mares, dispondo a vossa arbitrio das tormentas, & dando leys aos navegantes.

31 Bernardo Tasso tresladou no Amadiz: *Com todo o mar o queriaõ comprar por genro Thetys, & o Oceano;*

Elo vorrian per genero comprare,

Tesside, el^o Ocean con tutto il mare.

E o que fez nesta imitação, foy determinar a incerteza, que propoz Virgilio, com o desfejo de Thetys, & do Oceano, & mudar a methonimia, pondo o mar pelas ondas todas.

32 Torquato Tasso imitando a metafora, seguindo a allusaõ, & mudando de comprador, disse, que *Otto comprara com largo dote a Alberto para genro. Genero il compra Otto con larga dote:* onde não vemos do exemplar mais semelhanças, que as dicções, genro, & compra, servilmente tresladadas.

33 Luis de Camões na dedicação da Lusiada, fallando com o seu Mecenas, imitou a Virgilio com tal felicidade, que não só em-

Bernard.
Tass. A-
madig.
Can. r.

Tass. II-
berat. c,
27. Est,
75,

parec-

parelhau cõ elle no espirito, mas excede-o no pensamento, & aos outros na imitação. Hum dos gloriosos titulos dos Monarcas Portuguezes, he chamarem-se *Senhores da navegação, & mar*, do qual titulo mais justa, & devidamente podia blazonar El Rey D. Sebastião, a quem Camões dirigia o seu Poema, que Augusto Cesar, a quem Virgilio invocava na Georgica: Virgilio fez da metafora lisonja, & Camões demostrou a verdade na imitação: & por isso vendo, que semelhante conceyto era improprio ao poder de Augusto, & muy congruente à magestade do seu Rey, emendando na copia o exemplar latino, converteo em prototypo o treslado Portuguez, & disse deste modo:

Thetys todo o ceruleo senhorio

Tem para vós por dote aparelhado,

Que affeyçoada ao gesto bello, & tenro,

Deseja de comprarrvos para genro.

Lusiad. c:
1. Est. 16.

34 Nesta pois tão livre, & avantejada imitação, vale mais o *Ceruleo senhorio*, que expressou Camões, que o *omnibus undis*, que encareceo Virgilio; & o *tutto il mare* do primeyro Tasso. E he muyto mais pathetica a compra de Thetys affeyçoada, & só, quea de Ocho, pendente do interesse, & a da mesma Thetys, junta com o Oceano: & estou em dizer, que se Virgilio chegára a ver esta imitação,

tação, ou havia de retocar o seu prototypo, ou gloriar se de tal imitador. Demos pois a Camões, por exceder, & comprehendera todos, aquelle elogio, que a Estilicon dava Claudio de Claudio, & digamos-lhe com elle: *Qua di-
laudib,
Scilicet. i. visa beatos efficiunt, collecta tenes.*

35 Prevejo que me direis, que desta imitação se segue afronta, & não aplauso ao imitador; porque tal modo de imitar, he hú abrir a porta a injustos, & insolentes roubos, com dano dos imitados; pois a titulo de imitação, cada hú se apóssará do trabalho alheyo, da gloria, fama, & appreço de leus escritos; & com razão se ouvirá repetir a muitos a queyxa, que já fezio Mantuano; *Hos ego ver-
siculos feci, tulit alter honores.*

36 Sim; mas perguntara eu, qual foy aquelle imitador, que não tomou do exemplar o que lhe pareceo? v. c, as sentenças, as palavras, as figuras, a invençao, a ordem, o ostylo? Qual se não valeo do pensamento, da imagem, da fantasia do imitado, & revestindo os de differente fraze, & adorno da locução, tal vez com mayor belleza, esplendor, & energia, que no original, saindo a publico com a imitação, não representou no teatro do bom gosto, figura de invençao, novidade, & maravilha? Sabello executar comprudencia, elegendo o melhor de muitos, &

pon-

porido-o em lugar conveniente, he fazer o alheyo seu, sem que seja furto esta imitação: *Prudentis est, quod in quoque optimum est, si pos-
sit, suum facere: plurimum bona ponamus ante oculi-
los, ut aliud ex alio barear, & quo quidque loco
conveniat, aptemus;* disse, & aconselhou Quintilio em tal propósito.

Quintili:
inst. orat.
lib. 10.
cap. 2.

§. VII

*Que seja propriamente furto, & como se difi-
tinga da Imitação.*

37 E Para que naõ fique sem respos-
ta taõ opposta duvida, que nos
priva da utilidade da licção dos livros, mos-
traremos como sem incorrer no afrontoso ti-
tulo de ladrão, se põde merecer o glorioso
carácter de imitador.

38 Tomar, ou furtar das alheas obras, se
diz propria, & rigorosamente, quando al-
guem attribue a si, & divulga por coufa sua
em tudo, ou em parte, os escritos de outré; por
quanto o dominio, & posse de tales escritos,
naõ contém para o escritor outro proveito,
mais que a gloria que delles lhe redunda, em
se saber, que elle foy o que os fez. Bem re-
conheceo Horacio semelhante gloria, &
quanta immortalidade lhe resultava della,

por

por haver sido o primeyro, que na lyra latina imitou, & cantou as clausulas de Alceo; donde na Ode trigesima do terceyro livro, fallando com a Musa, diz que havia fabricado para si hum monumento mais duravel que o bronze, & mais sublime, que as pyramides dos Reys; que naõ morreria todo, mas que em muyta parte ficaria vivo, & florecendo sempre no louvor, & celebriade dos vindouros. Logo só quem furtá a outrem, &

Matt. lib. 1.epig. 54
in Fidenam.
Attribue a si aquella gloria, he que usurpa a posse dos escritos, esbulha, & priva della a seus Authores, sem seu consentimento, & com grave prejuizo; que he o em que consiste a desinição do furto.

39. Porém nos demais casos, como he a imitação, & a competencia, a palavra furtar, naõ se applica aos escritores, senão por via de metafora; & na metafora naõ se requer total conformidade, que de outra sorte já naõ forá metafora, senão a coufa mesma: & por isso o tomar, ou furtar aos Authores, em quanto he diverso do imitar, & competir, se funda na especial semelhança com o verdadeyro furto. Porque assim como eu propriamente naõ tomo, mas só roubo por metafora, o lume ao meu vizinho, se com o lume do meu vizinho acendo outro lume para mim; mas sim cometô furto, se lhe tomo para mim

a mes-

a mesma vela acceia de que he possuidor: da mesma sorte o tomar, ou furtar huma coufa a outrem, entaõ se diz nos escritores propriamente roubo, furto, & latrocínio, quando a mesma coufa em individuo inventada por hum, he usada ao depois por outro: porque se ella for hum distinto individuo, já se naõ dirá tomada, nem furtada, mas imitada, ou competida: & só por metafora se pôde chamar roubo.

40. Húa coufa seria furtar a Apelles húataboa, & outra copialha, & fazer huma distinta à semelhança della: assim tambem, diferente coufa he roubar a Virgilio hum episodio, & differente, fazer outro distinto à sua imitação. Mas entre os pintores, & escritores ha grande diversidade; porque húa pintura não se diz individualmente a mesma, quando a materia he diversa, isto he, quando consta de diverso pano, & de diversas cores, ainda que seja a mesma no que representa. Pelo contrario as escrituras não deyxa de ser as mesmas pela diversidade do papel, & tinta; nem he necessário engenho para treladallas: & por isso qualquer composição poetica, ou prosaica toma o seu ser individual dos conceytos, & palavras de que he composta, & naõ da mareria em que está escrita; & esta he a diferença, que vay de húas a ou-

Lição septima.

a outra copia, entre o pintor que imita, & o escritor, que furtar o pintor que imita, usa de diversa matéria, & da mesma representaçāo; & o escritor que furtar, serve-se dos mesmos conceytos, & palavras em diverso papel, & distinta tinta.

41. E se conforme definio Porfírio, o *Individuo*, he aquelle, que tem tales propriedades, que todas juntas se não achão em algum outro; & por elles se distingue, dos da mesma, ou diferente especie, & he individualmente conhecido, como v. g. hum homem de tal terra, familia, nome, profissão, semblante, estatura, &c. Da mesma sorte a individualização das obras prosaicas, & poeticas, se toma das suas propriedades todas juntas; & entao quando elles são as melhores no exemplar, & na imitação, diga-se que he roubo; mas quando as tales propriedades são parecidas, & não as mesmas, diga-se, que he imitação: porque o imitar, ou seja só seguindo, ou emparelhando, ou excedendo aos protótipos, nisto se distingue do furtar, em que o roubador sempre diz o mesmo em individuo; & o imitador diz cousa diferente, mas com tanta semelhança com a imitada no mais difícil, louável, & fermoso della, que só quem tiver conhecimento de ambas, achará, que a segunda fez pelo ar, & molde da primeyra: eu o

nostro em huma imitação.

42. Pronunciado Ovidio ao degredo do Ponto, o desamparo a mayor parte de seus amigos, ou fosse por lisongearem ao Cesar, ou porque aquella ruina não colhesse a todos; qucyxa-se o Poeta deste desamparo, & comparando os amigos falsos á sombra, que acompanha o caminhante, a qual foge, & desapparece, tanto que alguma nuvem se opõem á luz do Sol, conclue com esta allegoria: *Assim o vulgo inconstante segue as luces da fortuna, mas se alguma sombra as esconde, foge, & desapparece.*

Ovid.
tristium
lib. 1.
cleg. 8.

*Utque comes radios per solis euntibus umbra,
Cum latet hic pressus nubibus, illa fugit:
Mobile sic sequitur fortuna lumina vulgus,
Qua simul induxit à nube reguntur, abit.*

43. Quiz o Conde Manoel Tesauro fazer outra comparação, que exprimisse a inconstância dos amigos falsos; & pondo os olhos no protótipo de Ovidio, copiou o mesmo pensamento com as tintas da imitação, semelhante sim, mas não identico, porque difere: *Os amigos falsos são como a sombra do Relogio do Sol, a qual se o tempo he sereno apparece, & se nublado, desapparece.* Admiravel analogia de termos pela semelhança dos amigos falsos com a sombra do Relogio; da prosperidade com o sereno; & dos infortúnios com o nublado; bem;

Thesaur.
in suo
Tubo A-
ristoteli-
co.

bem, & muitas vezes beui.

44 Assim imitou Tesauro a Ovidio, & o excedeo; imitou-o no pensamento, & excedeo-o na expressão; não furtou em individuo, mas copiou com semelhança. Ambos representáro com sombras, amigos astrombrados dos males de seus amigos; sombras da amizade, mas sem as do amparo, para o alívio, & para o socorro; sombras da fortuna, & conveniencia, que desapparecem, & fogem, tanto que húa se muda, & a outra faltá.

45 Porém vay grande diferença de húa a outra sombra; porque a do caminhante move-se a seus passos, serve-lhe de companhia, & não numera as horas, como quem reduz a conta os beneficios: & a do Relogio, além de proceder de hum corpo fixo, a quem devia imitar na constancia, corre o quadrante em circulo, como quem somma o tempo, em que aproveyta. Demais, a sombra que nasce de corpo movel não he de estranhar, que fuja, porque segue a natureza de seu principio; porém sombra que se aparta, tendo por origem a firmeza, he mancha da amizade, & symbolo da ingratidão.

46 Quando o Sol se auenta do ponto do meyo dia para o orizonte da tarde, saõ as sombras dos montes, ou mayores, ou duplicadas,

cadas, como diz Virgilio:

Virgil.

Maioresque cadunt altis de montibus umbra. Eclog. 1.
Et Sol decedens crescentes duplicat umbras. & 2.

Pois porque crescem; ou se duplicaõ entaõ as sombras? Deyxemos por agora a razão física, & busquemos a allegorica! Os montes são geroglifico da firmeza, porque sempre estaõ fixos, & permanentes no seu lugar, & se alguma vez se moverão, soy prodigo, & não costume; allumiados do zenith do Sol, symbolizaõ as venturas, que nos vem do Ceo; vistos da face do Occidente, denotaõ as adversidades, que ha no mundo. Ora examinemos o que fazem as sombras, que nascem destas firmezas.

47 Em quanto o Sol está vertical sobre seus cumes, isto he, no tempo que durão as felicidades, encolhem-se, & chegaõ-se ás raizes dos montes, como quem se abriga ao seu amparo, & senão quer sahir da sua companhia: mas quando o Sol se amortilha no occidente, isto he, quando as venturas espiraõ, porque os rayos se sepultaõ, & os montes trocaõ em luto a verde, & ferrosa gala, fogem dos mesmos de quem forão amigas, & a cujo amparo se ácolherão, & quanto mais se apartaõ, & se alongaõ, mais crescem, & se duplicaõ, como quem vay deyxyando hum testimunho da sua ingratidão, escrito em man-

manchas sobre a terra, visto mclmo, rezem os
arraigos, rallos, y mombaizados na jombaia do
relogio; possis nacendo elta dc hum corpo,
ou principio firme, qual he o demotrador,
ou leencurta, ou le dilata, conforne lhe ra-
ya o Sol; e etas propriedades nao ja so me-
narazao generica de hua, e outra depende
da luz, donde le ve, e diferenca que vay da
Mas como ha imitaciones, fai o imitador.
furto a imitacao, e fai o jadrao ao imitador.
exemplares nas palavras, e concyclos, que
parecem identicas por indiftinatas, propro-
mos, na licgiao futura, aljusas regras com que
poffa variar as reas imitaciones, nem que le
incorta do labeo de futuro.



Milas
nora nos juntarlos, dellec e qulidradas car-
camos, agilhos voos, veloz nos gyros, jo-
tess ao dia, as aurras ao zethro, o flencio soz
a jardins de Floras, e correndo os orizon-
gas, e como Soil amanhacce, sobre os prados,
crepulejos accorda, com a manhaa madru-
ticipa manhaa, hem a deprete o Soil, com os
zem que a precedeu crepulejos, le lhe an-
teu domicilio rusticoo ao Cedo, a prima rai-
ra, e vagabunda, lahede
Dedaria dos favos, folici-
cios, a Arpia das flores, a
da, a Amatona dos fulge-
OLIGITA, e vagabund



Descripção da Abelha Jumbola do Imitador

S. I. V. T. A. M.

